

As Línguas das Escolas Portuguesas

written by José Paulo Santos | 3 de Junho, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
José Paulo Santos



Há um momento, quase invisível, em que uma escola deixa de ser apenas um edifício com salas e horários e passa a ser um lugar de encontro. Não acontece quando toca a campainha nem quando começa uma aula. Acontece quando alguém traduz um gesto, quando uma palavra desconhecida encontra um rosto disponível, quando um aluno recém-chegado percebe – talvez pela primeira vez – que ali também há espaço para a sua história.

No Radar XS, da RTP Zig Zag – um programa que se propõe explicar o mundo “graúdo” de forma simples e acessível às crianças – há uma insistência essencial: tornar o complexo compreensível, dar voz a quem raramente é ouvido, aproximar experiências aparentemente distantes. Não é um detalhe menor. É, de certa forma, uma pedagogia. E é também uma metáfora.

Porque é exatamente isso que fazem, todos os dias, os Mediadores Linguísticos e Culturais nas escolas portuguesas.

Chamamos-lhes mediadores, mas talvez devêssemos chamá-los intérpretes do humano.

Como se explica, em palavras simples, aquilo que é, na verdade, um trabalho profundamente complexo? Talvez assim: “O mediador é uma pessoa que ajuda alunos de outros países a entender a escola, a língua portuguesa e a sentir-se bem na escola.” Nesta frase, quase ingénuo na sua clareza, cabe tudo o que é essencial – e talvez também tudo o que ainda falta fazer.

Num país onde o número de alunos estrangeiros cresceu de forma significativa nos últimos anos, a escola transformou-se. Tornou-se um espaço onde coexistem – e, nalguns casos, ainda lutam por coexistir – múltiplas línguas, inúmeras referências culturais, histórias de vida. Perante esta realidade, ensinar deixou de ser apenas transmitir conteúdos: passou a ser criar condições para que cada aluno possa, primeiro, compreender e ser compreendido.

E compreender é sempre um ato de tradução. Os mediadores estão precisamente nesse lugar. Apoiam alunos que não dominam a língua portuguesa, facilitando o acesso às aprendizagens e ao quotidiano escolar. Mas não se limitam a isso. Trabalham com professores, direções, famílias; traduzem expectativas, esclarecem mal-entendidos, antecipam conflitos, constroem pontes. São, como alguém disse, uma presença discreta que impede que a escola se transforme num território de desencontros.

No fundo, fazem na escola aquilo que o Radar XS faz no ecrã: tornam o mundo legível.

A interculturalidade começa exatamente aqui – não na enumeração de culturas, mas na criação de relações. Não basta que alunos de diferentes origens partilhem o mesmo espaço

físico. É preciso que haja diálogo, escuta, reconhecimento mútuo. A escola só se torna verdadeiramente intercultural quando cada aluno pode trazer consigo a sua língua, a sua memória, o seu modo de ver o mundo – e, ao mesmo tempo, encontrar espaço para os outros.

As políticas educativas portuguesas têm sublinhado este princípio: a diversidade deve ser entendida como uma oportunidade, não como um problema. Mas a concretização dessa visão depende do quotidiano. Depende de gestos concretos e de tantos profissionais concretos.

Depende, muitas vezes, de alguém que se senta ao lado de um aluno e diz, na língua que for possível: “vamos tentar outra vez”.

O pluralismo, palavra tantas vezes repetida, ganha aqui densidade real. Não como abstração, mas como prática diária. Uma escola plural não é apenas aquela onde há alunos diferentes. É aquela onde essas diferenças contam, têm voz, influenciam o modo como se ensina e se aprende.

E, no entanto, este caminho está bem longe de estar concluído. A presença dos Mediadores é ainda insuficiente face aos desafios. As escolas continuam a adaptar-se, muitas vezes sem recursos suficientes para responder a uma realidade em rápida mudança. E, sobretudo, persiste uma tensão subtil entre duas visões da integração: uma que procura homogeneizar, outra que aceita a complexidade da diversidade.

Talvez por isso seja importante escutar o eco de programas como o Radar XS. Ao falar para crianças, o programa lembra algo que os adultos por vezes esquecem: compreender o outro não é opcional – é a base de qualquer comunidade. E essa compreensão exige linguagem, tempo e disponibilidade.

Traduzir, afinal, é um ato profundamente ético. É recusar a indiferença. É reconhecer que cada aluno traz consigo um mundo inteiro – e que esse mundo merece ser escutado. É aceitar que

a escola não é apenas um lugar onde se aprende português, mas também um lugar onde o português se transforma ao acolher outras vozes, outras sonoridades, outras histórias.

Talvez seja este o maior desafio da escola contemporânea: aprender a viver com muitas línguas sem perder a capacidade de escutar. Tornar-se um espaço onde ninguém é reduzido à sua dificuldade inicial, onde cada percurso encontra um caminho possível.

No fundo, uma escola que saiba traduzir. E que, nesse gesto, se descubra mais humana.